



Relato de Campo

Grêmio Recreativo

Turma do Baffô

Data: 21/01/12

Endereço: Rua Estevão Pedroso, número 06,
Bairro Jardim Clímax

Entrevistados (nome/função):

-Cléber ("Alemão")

-Cláudinei ("Linguinha")

Pesquisadores: Maria Helena Cardoso e Paulo
Nascimento

Redatores: Maria Helena Cardoso e Paulo
Nascimento

Revisora: Nahema N. Falleiros

Resumo

O presente relato apresenta o Grêmio Recreativo Turma do Baffô, time de futebol de várzea que, dentre outros feitos, ganhou visibilidade após chegar à final da série A da Copa Kaiser de 2011, em disputa contra a equipe do Classe A, proveniente da região da Barra Funda. O Turma do Baffô – ou simplesmente Baffô, como muitas vezes também é chamado – tem como sede um bar localizado na Rua Estevão Pedroso, número 06, no bairro Jardim Clímax, Zona Sul da cidade de São Paulo. Esse estabelecimento funciona apenas no período diurno, visto que à noite transforma-se em uma pizzaria.

No momento da visita do Centro de Referência, o bar sede do Turma do Baffô estava repleto de torcedores, jogadores, ex-jogadores, e demais pessoas envolvidas com a organização do time. Mesmo que breves, as falas de todos os presentes contribuíram de algum modo para as informações registradas neste relato. Contudo, vale ressaltar que os interlocutores principais foram Cléber (mais conhecido como “Alemão”) e Cláudinei (cujo apelido é “Lingüinha”). A visita ao bar sede do Baffô se deu em um sábado nublado, por volta do meio-dia, e foi feita por dois pesquisadores. Para se chegar ao local da pesquisa, foi preciso estabelecer um contato por telefone com “Alemão”, que nos foi apresentado por Kinho (integrante da Torcida Independente, do São Paulo Futebol Clube), na final da Copa Kaiser do ano anterior.

Do contato feito com a referida pessoa, surgiu o convite para conhecer o bar onde se localiza a sede do time. Na visita que fora feita, os pesquisadores foram recebidos com feijoada, cerveja e caipirinha. Mediante tal situação, compartilhar do almoço oferecido pelos integrantes do time do Baffô foi quase uma condição para que a conversa acontecesse. O Turma do Baffô possui dois pontos que o destaca quando comparado a muitos outros times inseridos no universo do futebol de várzea paulistano: não há remuneração para quaisquer de seus integrantes, seja jogador ou diretor; e a repartição de poderes é feita do modo mais horizontal possível. Além desses pontos, outra característica que enaltece a conquista do vice-campeonato da Copa Kaiser por parte do Turma do Baffô é o campo onde o time treina, o qual apresenta uma situação precária de conservação. Isso faz com que todos os seus jogos sejam realizados, invariavelmente, na condição de visitante.

Relato

Durante a conversa com “Alemão” (membro da diretoria), um dos pontos mais recorrentes de seu discurso aludiu à horizontalidade de distribuição de poderes identificados por ele no Baffô¹. Todos os envolvidos com essa agremiação possuem voz ativa nas decisões tomadas coletivamente. É isso que, no entender de “Alemão”, confere certa singularidade ao seu time quando comparado a outros. Os jogadores que atuam pelo Turma do Baffô não recebem quaisquer tipo de remuneração financeira. O amor à camisa, nesse contexto, é palavra de ordem. Com toda ética necessária quando se aborda um assunto delicado, “Alemão” nos disse, em linhas gerais, quais são os valores monetários que circulam entre os times que disputam a Copa Kaiser de Futebol Amador². Sem se apegar a nomes ou a quantias milimetricamente definidas, tal interlocutor nos garantiu que é recorrente alguns jogadores receberem pela partida jogada na competição, chegando ao ponto de muitos deles, inclusive certos federados, optarem por se desvincular da Federação Paulista de Futebol (FPF) para atuar na Copa Kaiser.

O imperativo do capital econômico cada vez mais propagado no futebol de várzea é o fator determinante para “Alemão” creditar o desmantelamento do time do Turma do Baffô finalista da competição em 2011. O seu discurso também trouxe elementos para pensarmos nas vicissitudes próprias ao bairro Jardim Clímax. Localizado na zona sul da cidade, o bairro, ao contrário do que olhares forasteiros possam crer, não é homogêneo. Há ali um microcosmo que alude à diversidade própria da cidade de São Paulo. Se impingirmos a esse bairro um recorte de classe, acompanhando o raciocínio de “Alemão”, poderemos começar a imaginar que naquele contexto há uma diversidade de perfis de moradores: os mais e os menos abastados, os que gostam e os que não gostam de morar ali, os que se apropriam de alguns espaços públicos como seus, os que ficam à deriva da ação – ou falta de – do Estado, dentre outros. Sobre essas diferentes representações, “Alemão” disse que recai

1 A expressão “baffô”, segundo os interlocutores, é usada para designar eventuais “bagunças”, “zoeiras”, etc.

2 Para mais informações: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/2012/sao-paulo/>

sobre o time grande parte dos estigmas que circulam no senso comum a respeito da periferia. Isso, somado a ações truculentas do Estado (que aparece ali representado pela polícia), impõem ao time algumas complicações no que diz respeito às atividades próprias de um clube desportivo: treinar, ir para o local dos jogos, torcer, comemorar as vitórias.

Quando convidado a falar sobre eventuais preconceitos que se manifestam dentro ou próximo do universo do Turma do Baffô, “Alemão” nos relata que o principal é a relação nem sempre amistosa da polícia com os integrantes do time. A diversidade do bairro é importante de se ter em vista nesse momento em razão de, na percepção do interlocutor, boa parte dos chamados feitos à polícia partirem de vizinhos que residem próximo ao bar que sedia a Turma do Baffô. Possivelmente os valores que esses vizinhos compartilham são distintos aos dos integrantes e torcedores do time, o que configura uma situação de conflito. Com efeito, o paradoxo entre a classe média que vive no bairro e a favela (onde surgiu e permanece o Grêmio Recreativo Turma do Baffô) parece latente. Essa tensão foi ressaltada várias vezes durante o discurso de muitos dos entrevistados.

Ao longo da tarde em que a equipe do Centro de Referência visitou o bar sede do Turma do Baffô, foi possível notar a presença predominante de homens, sendo que eles, em sua maioria, possuem alguma ligação com o time. Muitos deles são responsáveis pela organização burocrática do time, jogadores, ex-jogadores, torcedores, e pessoas ligadas às escolas de samba da região. Na entrada do bar é perceptível a visibilidade de uma faixa referente à final da Copa Kaiser 2011, disputada entre o Baffô e o “Classe A”³, da Barra Funda. Na ocasião, o “Classe A” sagrou-se campeão e ao Baffô, coube o vice-campeonato.

Os integrantes da equipe pesquisada, no entanto, fizeram questão de deixar claro o quão importante foi participar da final dessa competição, considerada por muitos como a principal disputa do futebol de várzea em São Paulo (inclusive, um dos entrevistados chegou a compará-la como uma espécie de Champions League da várzea). Não obstante, aqueles que convivem neste contexto consideram a Copa Kaiser um campeonato cada vez mais profissional e comercial. Prova disso é que, depois dessa final, o time do Baffô e seus respectivos atletas passaram a ser reconhecidos e bem

3 Vide <http://clubeclasssea.blogspot.com.br>.

cotados no cenário da várzea. Um reflexo de tal situação foi a perda de quatro jogadores que atuaram pelo time na final da competição realizada em 2011, os quais foram recrutados por outras equipes (também do futebol de várzea) que ofereceram dinheiro a eles em troca da participação nos jogos.

No bar sede do Baffô, a decoração referente ao futebol é composta por vários troféus (com destaque para o conquistado na Copa Kaiser, que fica disposto em um lugar central), além de quadros nas paredes que retratam as formações das equipes no passado. No dia em que a equipe de pesquisadores esteve no local, vários jogadores que participaram da final da Copa Kaiser de 2011 compareceram ao bar. No instante das fotos, quando algumas poses foram sugeridas, o troféu de vice-campeão saiu de seu lugar de destaque e passou orgulhosamente de mão em mão. Somente após essa circulação que o referido objeto simbólico ficou no centro do grupo de homens, para que a imagem fosse feita.

As mulheres também estavam presentes no espaço, mas em número bem menor, se comparado ao dos homens. Boa parte delas estava ali por conta de algum parentesco com os homens do Baffô: eram filhas, namoradas, sobrinhas ou irmãs deles. Em conversas breves com algumas dessas mulheres, foi possível perceber que, em linhas gerais, elas se vêem como torcedoras do Baffô. Além do mais, muitas delas estavam engajadas com o funcionamento do time de um modo diferente em relação ao dos homens. Algumas possuem como tarefa lavar os uniformes do time. Outras, como é o caso da mãe do presidente do time (“Linguinha”), atuam como cozinheiras no bar sede. De modo geral, o bar onde estavam é considerado uma referência de lazer, de encontros com amigos e familiares. De acordo com os frequentadores, tanto homens quanto mulheres, há uma carência de equipamentos de lazer no bairro, principalmente daqueles que deveriam atender a uma demanda apontada como “feminina”.

Outro ponto merecedor de destaque é a existência de outro bar localizado em frente ao bar sede, o “Bar do Chico”, considerado um tipo de extensão informal da sede do Baffô. No entanto, ao contrário da sede, o “Bar do Chico” é exclusivamente frequentado por homens. Em determinado momento da visita, enquanto no bar-sede havia a presença de mulheres e algumas crianças (configurando um ambiente tido por muitos como “familiar”), no Bar do Chico estavam diversos rapazes que, além de tomarem cervejas, falavam

na maioria do tempo sobre futebol e música.

Após a conversa inicial realizada durante a feijoada oferecida aos pesquisadores, os mesmos foram convidados a circular pelo entorno do bar, para que tivessem outros elementos sobre aquele bairro, que, de certa forma, reverberaria as demais relações ali constituídas.

Durante o trajeto pelo bairro, “Linguinha” e “Alemão” nos apresentou algumas pessoas e espaços importantes para a história do time. Também tivemos a oportunidade de conhecer o responsável pelo recrutamento de adolescentes para a equipe de base do Baffô. Esse homem, morador do bairro, trabalha como olheiro, tendo como ofício levar os meninos que se destacam no futebol do bairro para o time. Foi possível também, durante essa visita, conhecer a primeira sede do Bar do Baffô, localizada numa viela à esquerda da sede atual. O início dessa viela está em frente a um espaço vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social (SAS), chamado de “Espaço Gente Jovem”.

O local, como averiguado nas placas de sua fachada, é utilizado como centro de formação profissional, com diversos projetos ligados à educação. De acordo com os relatos de “Alemão” e “Linguinha”, a Turma do Baffô se apresentou para desenvolver projetos e para utilizar o tal espaço, que está sob os cuidados das “Obras Sociais do Jardim Clímax” (OSJC), uma entidade sem fins lucrativos conveniada com a Prefeitura Municipal da São Paulo. Todavia, as negociações não lograram êxito. Foi “Linguinha” quem deu uma definição precisa da realidade entre o Baffô e esse espaço: “tão perto, mas ao mesmo tempo, tão longe”.

Dando continuidade à visita pelo bairro, conhecemos o campo de terra onde o Baffô treina. O seu estado de conservação é precário, com péssimas condições para a prática do futebol. No entorno do campo foi possível encontrar uma grande quantidade de entulho. Já na extensão do campo, poças d’água se formavam em razão dos vários buracos. Atrás daquele espaço também há uma quadra para a prática de esportes, mas o nosso ingresso ali não foi possível, pois a mesma estava fechada.

Além do treino do Turma do Baffô, outros tipos de eventos também acontecem nesse campo. Como descrito por “Alemão”, aquele local serve de palco para festas juninas, recebe parques de diversões itinerantes, além de sediar grandes shows, como ocorreu na ocasião da apresentação de grupos

de pagode como Sampa Crew e Katinguelê. No entanto, tais acontecimentos geram alguns problemas, como a falta de manutenção do campo, seja depois dos eventos, seja no decorrer do ano. Com efeito, todos esses problemas de utilização e de manutenção do campo não permitem que o time do Grêmio Recreativo Turma do Baffô possa receber equipes de fora para jogar em casa. Logo, todos os jogos em que o Baffô é o time mandante são realizados fora de casa. Sendo assim, ele é sempre o time visitante nas partidas que disputa. Depois de conhecer o campo de futebol onde a equipe local treina, pesquisadores e entrevistados voltaram para o bar sede. Lá, viram a chuva chegar e passar. Após esse momento, a nossa visita deu-se por encerrada. De modo geral, ela nos proporcionou compreender mais uma parte da história do futebol de várzea do município de São Paulo.